

ADELAIDE CARRARO E AS REPRESENTAÇÕES DO ERÓTICO

Lucila Monteiro da Silva Barros (UEL)¹
Agência Financiadora: CNPq
GT2 - Sociedade, cultura e religiosidades

Palavras-chave: censura; representações; erótico

O trabalho a ser apresentado propõe repensar as questões em torno da censura de livros considerados eróticos e que atentavam contra a moral durante a ditadura civil-militar no país, mais especificamente o livro *Mulher Livre* da escritora Adelaide Carraro. A partir do decreto-lei n. 1077, o ministro da Justiça Alfredo Buzaid promulgou, em 1970, o primeiro instrumento legislativo que possibilitou a efetivação da censura prévia de publicações que abordavam temas relacionados à moralidade e aos costumes. (MARCELINO, 2009) Em 1978, em meio aos livros vetados pela Divisão de Censura de Diversões Públicas estava o livro *Mulher Livre*. Nele, a escritora conta a estória de João Carlos, um jornalista paulista que vai à Búzios após a morte da socialite Ângela Diniz, e começa a se relacionar com as pessoas da alta sociedade. A escritora tinha, comumente, estampado em seus livros frases como “a mulher de cinco milhões de livros vendidos” ou “todos *lêm*”, o que faz-nos refletir sobre a popularização de seus livros no período militar e em como atualmente não há a mesma exposição. Logo, parto de uma questão inicial: o que a censura compreendia por literatura erótica na época? Para respondê-la deve-se atentar para as práticas sociais em torno do interdito e da liberação da palavra. A conservadora sociedade brasileira deste período possuía uma considerável participação nos vetos realizados pela Divisão de Censura de Diversões Públicas, fosse em livros, na programação televisiva, em jornais, ou seja, qualquer atividade recreativa ou de lazer. Para a pesquisa pretendo utilizar as proposições conceituais de Chartier, Bourdieu e de Certeau, seguindo a linha de pesquisa da História Cultural, o que fez com que surgisse ao longo da pesquisa diversos questionamentos sobre o livro e o seu consumo. Roger Chartier (1990) aponta três divisões tradicionais na delimitação dos objetos dos campos de análise do historiador: uma que opõe *letrado* e *popular*, a oposição entre criação e consumo e a oposição entre realidade e representação. Para Chartier, o popular é definido pela diferença a algo que não o é, levando as práticas sociais a serem pensadas de maneira mais complexa. Segundo o historiador, o que importa é saber identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções se imbricam as formas culturais. O autor defende que, ao ignorar o corte entre produção e

¹ Graduanda em licenciatura em História pela Universidade Estadual de Londrina. Msb.lucila@gmail.com

consumação, a obra adquire sentido através das múltiplas interpretações que constroem o seu significado. Quanto à oposição entre realidade e representação, nenhum texto mantém uma relação transparente com a realidade que apreende. Essa oposição é primordial para distinguir tipos de história e de textos (documentos e literários), e mesmo a utilização de textos literários pelos historiadores não modificou essa classificação. Segundo Joasilho, a determinação de alta e baixa cultura é feita através do questionamento: o que caberia à determinada classe como bem simbólico? O que está imbricado nesse bem simbólico ganha valor conforme vão se tornando mais restritos e parte daquela classe. Para de Certeau, o consumo cultural (seja olhar, ler, escutar) permite a reapropriação, e a partir disso, podemos repensar a relação entre o público designado popular e produtos propostas para o consumo de tal público. A escritora não escrevia para uma determinada classe, mas vendeu milhões de livros lidos por pessoas de diversas camadas da sociedade brasileira. As representações na literatura que se tem hoje daquele período é a da literatura engajada e de protesto, mas porquê? A censura foi a manifestação das representações desse período, assim como a classificação dessa escritora como literatura erótica é uma representação mais atual. A partir dessas questões que surgem ao longo da pesquisa, eu pretendo chegar à resposta do porquê desse esquecimento da escritora e como sua literatura foi relegada à alcunha de literatura erótica e não brasileira.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: _____. *Pierre Bourdieu: Sociologia*. Org. Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.

CARRARO, Adelaide. *Mulher Livre*. São Paulo: editora L.Oren. 4ª edição, 1980.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*:_1. Artes de fazer. Petrópolis, rj: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

JOANILHO, André Luiz & JOANILHO, Mariângela Peccioli Gali. *Sombras Literárias*. São Paulo: Revista Brasileira de História v. 28, n. 56, p. 529-548, 2008.

MARCELINO, Douglas A. *Subversivos e pornográficos: censuras de livros e diversões públicas nos anos 1970*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.